

## CAPÍTULO 1

# ALEXIS



As traças esvoaçavam na luz dos meus faróis sobre a erva alta da valeta. Continuava agarrada ao volante, com o coração a bater depressa.

Acabara de me desviar de um guaxinim que não vi por causa do nevoeiro e fui parar a uma valeta pouco profunda na berma da estrada. Estava bem. Abalada, mas bem.

Tentei pôr o carro em marcha-atrás, mas os meus pneus giraram em vão. Talvez fosse lama. *Ugh*. Devia ter comprado o SUV em vez do sedã.

Desliguei o motor, pus os piscas e liguei para a assistência em viagem. Disseram-me que teria de esperar uma hora.

Perfeito. Simplesmente *perfeito*.

Ainda estava a duas horas de carro de casa, presa num troço solitário entre a casa funerária de onde acabara de sair em Cedar Rapids, no Iowa, e a minha casa em Minneapolis. Estava esfomeada, tinha de ir à casa de banho e estava de cinta. Em suma, o *grand finale* da pior semana de sempre.

Liguei para a Bri, a minha melhor amiga. Ela atendeu ao primeiro toque.

— Então? Como foi a semana do inferno?

— Bem, posso dizer-te como acabou — respondi, reclinando o meu assento. — Acabei de enfiar o carro numa valeta.

— Ai. Estás bem?

— Estou.

— Chamaste um reboque?

— Sim. Uma hora de espera. E estou de cinta.

Ela inspirou o ar por entre os dentes.

— A roupa interior do Satanás? Não te mudaste antes de sair? Deves ter saído de lá a correr como se estivesses a ser perseguida. Onde estás?

— perguntou.

Espreitei pelo para-brisas.

— Não faço a mínima ideia. Literalmente no meio do nada. Nem sequer vejo candeeiros de rua.

— O carro ficou em muito mau estado?

— Não sei. Não tive oportunidade de sair para verificar. Acho que não. — Mexi-me com desconforto no assento. — Sabes que mais? Espera. Vou tirar isto.

Desapertei o cinto de segurança e reclinei o banco até ao máximo. Tirei os sapatos de salto alto e atirei-os para o lado do passageiro, depois levei uma mão às costas para abrir o fecho. Tirei as alças do sutiã, inclinei-me para trás e subi o vestido de festa preto à volta das ancas, prendendo os polegares na cintura da cinta.

Não via ninguém por ali. Há meia hora que não passava outro carro naquela estrada. Mas, assim que comecei a baixar os *collants*, a luz de uns faróis entrou pelo meu para-brisas traseiro, porque... claro que sim.

— Raios — praguejei num suspiro, a mexer-me mais depressa.

Era como tentar sair de uma meia de compressão de corpo inteiro enquanto alguém cronometrava. Ouvei a porta de um carro a fechar e fiquei frenética, a lutar contra as ligas da cinta presas nos meus joelhos, debaixo do volante, conseguindo depois despi-las ao pontapé, no momento em que alguém se aproximava da janela.

Um cão grande e peludo apareceu do nada e saltou para a porta, ficando a olhar para mim. Depois, um homem branco barbudo, com um casaco de ganga com gola de lã, apareceu atrás dele.

— *Hunter*, para baixo. — Afastou o cão do meu carro e bateu no vidro com o nó de um dos dedos. — Ei, estás bem aí dentro?

O fecho ainda estava meio desapertado e o meu vestido levantado quase até às cuecas.

— Estou bem — respondi, puxando o vestido pelas coxas, e virei-me no banco para voltar as costas despidas para o lado do passageiro. — Um guaxinim.

Ele levou uma mão à orelha.

— Desculpa, não consigo ouvir.

Abri a janela um centímetro.

— Desviei-me por causa de um guaxinim. Estou bem — repeti, mais alto.

Ele pareceu divertido.

— Sim, temos muitos desses por aqui. Queres que te reboque?

— Já chamei um reboque. Mas obrigada.

— Se chamaste um reboque, estás à espera do Carl — disse ele. — És capaz de ficar à espera algum tempo. — Acenou com a cabeça para a estrada. — Já ia na sexta cerveja no VFW<sup>1</sup>.

Fechei os olhos e soltei um suspiro cansado. Quando os abri, o homem estava a sorrir.

— Dá-me um segundo, vou tirar-te daí.

Não esperou por resposta e voltou para trás do meu carro.

Corri o fecho à pressa. Depois, voltei a pegar no telemóvel.

— Um homem vai rebocar-me daqui para fora — sussurrei à Bri.

Inclinei o retrovisor para tentar ver a matrícula, mas os faróis apontavam para os meus olhos. Ouvi um barulho metálico vindo do exterior. O cão voltou a saltar para a minha janela para olhar para mim. Começou a abanar a cauda nodosa e ladrou.

— Isso é um cão? — perguntou a Bri.

— Sim. É do homem — respondi, a abanar a cabeça para o cão. Estava a lamber o vidro.

— Porque estás tão sem fôlego?

— Estava a tentar tirar a cinta quando ele apareceu — expliquei, e apanhei-as do chão para as enfiar na mala. — Estava meio despida quando alcançou a minha janela.

Ela riu-se tanto que tive de afastar o telefone do ouvido.

— Não tem piada — sussurrei.

— Talvez não para *ti* — disse ela, ainda a rir. — Então, como é que ele é? Um velhote assustador?

— Não. Na verdade, até é giro — afirmei, ao mesmo tempo que tentava ver a atividade atrás do carro pelo retrovisor lateral.

---

<sup>1</sup> Bar da *Veterans of Foreign Wars*, associação de veteranos de guerra. (*N. da T.*)

— Ahhhhh. E como é que *tu* estás?

Olhei de relance para mim mesma.

— Cabelo e maquilhagem feitos, vestido preto de funeral...

— O da *Dolce*?

— Sim.

— Ou seja, estás de arrasar. Vou manter-me ao telefone contigo para o caso de seres assassinada.

— Ah. Obrigada. — Recostei-me no banco.

— Então, o funeral foi muito mau? — perguntou a Bri.

Soltei um longo suspiro.

— Muito mau. Passaram o tempo todo a perguntar-me onde estava o Neil.

— Que lhes disseste?

— Nada. Que acabámos e que não queria falar sobre isso. Não ia dar explicações. E, claro, o Derek não apareceu.

— Bela altura para estar no Camboja. Está a perder a diversão *toooda*.

O meu irmão gémeo tinha tendência para evitar o drama familiar. Não posso dizer que ele soubesse que a tia-avó Lil iria morrer de repente no lar de idosos e que eu seria empurrada sozinha para a toca dos leões na reunião familiar/funeral de três dias que se seguiu — mas, ainda assim, foi muito típico dele.

Baixei a janela mais uns centímetros para poder fazer festas ao cão. Tinha as sobrancelhas espessas de um homem velho e uns olhos dourados arregalados que o faziam parecer assustado por me ver.

— A minha mãe saiu-se muito bem com o elogio fúnebre — disse, coçando a orelha do cão.

— Não me surpreende.

— E o Neil passou o tempo todo a enviar-me mensagens.

— *Também* não me surpreende. A audácia desse homem. Respondeste?

— Uh, *não*.

— Ainda bem.

Mais barulho vindo do exterior.

— Muito bem, então ouve — começou a Bri. — Estava a pensar que podíamos ter um encontro duplo quando voltasses.

Rosnei.

— Ouve-me. Não é nada complicado.

Iria ser complicado.

— Ambas escolhem os gajos mais giros que encontrarmos no Tinder. Quase de certeza alguém a posar com um peixe, mas isso não é importante. Levamo-los ao café à porta do escritório do Nick, aquele onde ele almoça todos os dias às onze e meia. E depois, quando ele aparecer, fazemos de conta que ficamos surpreendidas por o ver ali. Tu finges que tropeças e entornas um pouco de vinho tinto na camisa dele por acidente, enquanto eu me enrolo com o meu acompanhante.

Engasguei-me a rir.

— Por muito que gostasse de te ajudar a destruir a roupa do teu futuro ex-marido — garanti, ainda a rir-me —, não vou sair com ninguém nos próximos tempos. Neste momento, não preciso de homens na minha vida. Aliás, nunca precisei.

Ela escarneceu.

— Pois, bem, somos todas mulheres fortes até um detetor de fumo começar a tocar às três da manhã num teto alto e não haver ninguém para lhe bater com uma vassoura a não seres tu.

Bufei, agastada.

— Mas a sério — insistiu ela —, nunca estivemos solteiras ao mesmo tempo. Devíamos abraçar isto. O verão das miúdas giras. Pode ser tão divertido.

— Acho que me apetece mais o verão do *Sarilhos com Elas...*

Ela pareceu refletir no assunto.

— Isso também pode resultar.

Ouvi mais barulho do lado de fora e senti o carro mexer-se, como se algo estivesse a ser preso ao para-choques.

— Queres ir beber um copo amanhã? — perguntou a Bri.

— A que horas? Tenho pilates.

— Depois.

— Sim, claro.

Reparei num movimento no espelho retrovisor. O homem estava a aproximar-se. Deixei de fazer festas ao cão e voltei a subir o vidro até quase fechar.

— Ei — sussurrei para o telefone —, o tipo vem aí. Não desligues.

O homem voltou a afastar o cão do meu carro e inclinou-se para falar comigo através do vidro.

— Podes pôr o carro em ponto morto? — perguntou, através da fenda de um centímetro.

Acenei com a cabeça.

— Quando te tirar daqui, puxa o travão de mão e desliga o motor até eu tirar as correntes.

Acenei de novo com a cabeça e vi-o dirigir-se para a *pick-up*. Ouvi a porta bater e o motor arrancar. Depois o meu carro deu um solavanco e saí devagarinho do aterro, de volta para a estrada. Ele deu a volta ao veículo com uma lanterna e olhou para o guarda-lamas.

Uma libélula pousou no meu capô. Ficou completamente imóvel enquanto o homem se agachou para examinar os meus pneus. De seguida, apagou a luz e voltou para a traseira do carro. Mais barulhos de correntes e, um minuto depois, estava de volta à janela.

— Dei uma olhadela ao carro. Não vejo danos nenhuns. Deve estar em condições de seguir viagem.

— Obrigada — agradei, e enfiei duas notas de vinte dólares pela fenda.

Ele sorriu.

— Foi oferta. Conduz com cuidado.

Voltou para a *pick-up* e buzinou, fazendo um aceno cordial com a mão quando passou por mim em direção ao nevoeiro.

## CAPÍTULO 2

# DANIEL



— Dou-te cem dólares se conseguires que ela saia daqui contigo — disse o Doug, a acenar com a cabeça para a ruiva sentada no bar.

Era a mulher que eu tinha tirado da valeta há meia hora. Quinze minutos depois, entrou no VFW.

Eram nove horas da noite de uma terça-feira de abril, o que queria dizer que a cidade toda estava amontoada no bar. A neve tinha derretido e era oficialmente época baixa. Com exceção do Jane's Diner e daquele lugar, estava tudo fechado até o rio aquecer, e o Jane's estava fechado desde as oito horas. Os turistas tinham desaparecido, por isso aquela pobre mulher insuspeita não só se destacava no meio da multidão, como também era das únicas mulheres naquela pequena cidade que não eram nossas parentes ou que tinham crescido connosco. Ia ser coibida de forma implacável.

Gozei com o meu melhor amigo, enquanto passava giz na ponta do meu taco.

— Desde quando é que *tens* cem dólares?

Chegou-nos o riso do Brian, vindo do sítio onde estava sentado.

— Desde quando é tens cinco dólares? E, se tiveres, é bom que mos dês. Ainda me debes as bebidas da outra noite.

— Boa sorte com isso — murmurei.

O Doug mostrou-nos o dedo do meio.

— Tenho, sim. E também tenho os teus cinco dólares, idiota — disse ao Brian. — Além disso, não vou pagar a aposta toda. Cada um dos perdedores põe cinquenta e, quem conseguir levá-la para casa, fica com tudo.

— Deixa-a em paz — disse eu, e dei a minha tacada. As bolas rolaram pela mesa e a seis entrou no buraco do canto. — Aquela mulher não vai para casa com ninguém deste bar. Confia em mim.

Mulheres como ela não queriam ter nada que ver com tipos como nós.

O carro que tinha tirado da valeta era um *Mercedes*. Talvez valesse mais do que nós os três ganhávamos num ano. Já para não falar que estava vestida como se fosse para uma festa num iate. Um vestido extravagante, enormes brincos de diamantes nas orelhas e uma pulseira de diamantes — era muito claro que estava a caminho da cidade e não tinha intenção de parar para fazer escala. Na verdade, fiquei surpreendido por ter parado ali, em vez de conduzir mais quarenta e cinco minutos até Rochester para comer. O VFW não era propriamente um restaurante fino.

O Doug já estava a tirar o dinheiro da carteira.

— Não estou interessado — disse-lhe, e meti a bola oito num dos buracos do meio. — Não gosto de apostas com seres humanos. Ela não é um objeto.

O Doug abanou a cabeça para mim.

— Pelo menos tenta *divertir-te*.

— Eu estou a divertir-me.

— Ah, sim? Quando foi a última vez que estiveste com alguém? — perguntou-me ele. — Passaram-se o quê? Quatro meses desde a Megan?

— Não estou à procura de engate. Mas obrigado.

Vendo que não estava a conseguir nada comigo, o Doug voltou a atenção para o Brian.

— E tu? Cem dólares.

O Brian olhou quase de imediato para a Liz, que estava a trabalhar atrás do balcão.

O Doug revirou os olhos.

— Ela é casada. *Casada*. Tens de ultrapassar isso. Está a ficar deprimente. Instala uma aplicação de encontros, ou assim. — Inclinou o copo de *Sprite* na direção do Brian. — Conheci umas gémeas no Tinder, na semana passada. *Gémeas*. — Oscilou as sobrancelhas para cima e para baixo.



Dei outra tacada.

— Ah, sim? Tens de desiludir duas mulheres ao mesmo tempo?

O Brian riu-se.

O Doug ignorou-me.

— Estou a falar a sério, meu. Ela não vai deixar o marido. Faz o que tens a fazer.

O Brian olhou para trás, para a Liz. Depois, quase de propósito, a porta do VFW abriu-se e o Jake entrou no seu uniforme de polícia.

Paramos todos para o ver aproximar-se do bar. Passou por nós, distribuindo palmadas nas costas e cumprimentos mais altos do que o necessário, só para se assegurar de que todos sabíamos que nos tinha agraciado com a sua presença.

Contornou o balcão como se fosse dono do sítio, aproximou-se da Liz e puxou-a para um beijo dramático. O bar irrompeu numa ovação e eu e o Doug olhámos um para o outro. Que imbecil.

Olhei para o Brian, mesmo a tempo de ver a mágoa passar-lhe pelo rosto.

Se calhar, o Doug tinha razão. Eu não era da opinião que apostar em mulheres fosse a solução, mas o Brian precisava de ultrapassar aquela merda. A Liz não ia deixar o Jake — embora devesse.

O Mike passou por nós a caminho da casa de banho e o Doug acenou-lhe com a cabeça.

— Ei, Mike! Cem dólares se conseguires que ela se vá embora contigo — desafiou-o a apontar para a mulher ao balcão.

O Mike parou e olhou para ela através dos seus óculos. Deve ter gostado do que viu, porque tirou a carteira.

— Quase nem parece justo. Recebo cem dólares e uma mulher bonita.

Ri-me e olhei para o meu relógio.

— Vou-me embora. Tenho de alimentar a criança — anunciei, e guardei o meu taco.

O Doug resmungou.

— Sempre a mesma coisa. — Fez-me um aceno. — Está bem. Vá, desaparece. — Depois, olhou por cima do meu ombro para o balcão e indicou a mulher com a cabeça. — Ei, dá-lhe uma palavrinha a meu favor quando saíres, pode ser?

ABBY JIMENEZ

— Então queres que lhe minta? — perguntei a encolher os ombros, já de casaco vestido.

O Brian e o Mike riram-se.

O Doug ignorou-me e pousou o taco de bilhar na mesa.

— Vou usar a minha arma secreta.

Ri-me e dirigi-me para o balcão, a abanar a cabeça.

## CAPÍTULO 3

# ALEXIS



— Que queres pedir? — perguntou a empregada do bar que limpava o balcão.

Tinha cabelo loiro, uma tatuagem de uma rosa no pulso e batom cor-de-rosa. Bonita. Chamava-se Liz.

Olhei para a ementa que ela me tinha passado.

— O que é que tens de bom? — pedi-lhe a opinião, sem adorar nenhuma das opções. Era quase tudo frito.

— O chili é caseiro — propôs ela.

Torci os lábios.

— Não gosto muito de chili.

O nevoeiro lá fora ficara tão intenso que eu soube que não conseguiria chegar a casa sem sentir uma necessidade desesperada de comer e ir à casa de banho. A única bomba de gasolina da cidade estava fechada, por isso não consegui ir à casa de banho nem petiscar qualquer coisa. O Google foi atencioso ao orientar-me para o único sítio aberto num raio de oitenta quilómetros — o VFW que o Tipo da *Pick-up* tinha mencionado.

O sítio estava... *gasto*. As mesas não combinavam com as cadeiras baratas. Nas paredes, havia cartazes de cerveja antigos partidos, bem como medalhas emolduradas e fotografias a preto-e-branco de veteranos. *Bennie and the Jets* tocava numa *jukebox* velha encostada à parede. Uma cabeça enorme de veado estava pendurada por cima do bar, com luzes de Natal arco-íris nos chifres. Era tudo muito cansado e encardido. Não conseguia imaginar entrar ali noutras circunstâncias, nunca na vida.

Uma jovem muito grávida aproximou-se da Liz e passou um cartão-chave na caixa registadora, com uma mão na zona lombar.

— Vais sair, Hannah? — perguntou a Liz, a tirar um *pale ale* à pressão.

— Sim. — Ela fez uma careta. — O bebé tem um pé mesmo em cima da minha bexiga.

— Depois deixo as tuas gorjetas no escritório — disse a Liz. Depois voltou a olhar para mim. — É pena não teres chegado antes de o restaurante fechar. Aqui a oferta é reduzida até ao verão e ao regresso dos turistas.

— Turistas? — perguntei.

— Sim. Estamos junto ao rio Root. Além disso, ficamos apenas a duas horas de carro das Cidades Gémeas, por isso temos muitos aventureiros de fim de semana. Mas, neste momento, são só os habitantes da cidade. E estão todos aqui. *Toodos* os trezentos e cinquenta. — Ela riu-se, a indicar o bar lotado com a cabeça.

Girei no meu banco. Era verdade. Não havia um único lugar vazio por ali.

Ao olhar para a multidão, vi o tipo que me tinha rebocado da valeta, junto à mesa de bilhar.

*Era* mesmo giro.

Agora que o casaco estava despido, também pude ver que tinha um corpo bonito. Tinha aquele ar de lenhador robusto. Barba, cabelo castanho-escuro, olhos cor de avelã e covinhas. Era alto. Vestia uma camisa de flanela e calças de ganga. As mangas estavam arregaçadas e tinha tatuagens coloridas em ambos os antebraços.

Virei costas antes que ele reparasse que estava a olhar.

Uma campainha tilintou e a Liz ergueu o olhar por cima da minha cabeça. Algo nervoso lhe passou pelo rosto, mas sorriu. Virei-me para lhe seguir o olhar. Estava a entrar um agente da polícia — um homem bonito. Era alto, com mais de um metro e oitenta. Olhos castanhos e cabelo castanho espesso. Um corpo tonificado prensado no uniforme castanho-claro de xerife. Tinha uma arma à anca e um distintivo dourado preso ao peito. Usava uma aliança de casamento.

— Olá, querido. — A Liz sorriu-lhe quando ele deu a volta ao balcão.

Ele inclinou-se e deu-lhe um beijo. Algumas pessoas assobiaram.

Ele levantou-lhe o queixo.

— Trouxe a tua camisola — disse-lhe, falando-lhe para os olhos. Passou-lhe um pacote de tecido branco para as mãos. — Deixaste-a no jipe.

— Tão fofo — exclamou a Liz, a olhar para a camisola. — Oh, Jake, esta é a... — parou, ao perceber que eu não lhe tinha dito o meu nome.

O Jake virou-se na minha direção e pareceu reparar em mim pela primeira vez.

— Alexis — disse-lhe. — Prazer em conhecer-te.

— Bem-vinda a Wakan. — Ele pronunciava-o wah-kahn. — Tenho de ir andando — disse à mulher. — Venho buscar-te à meia-noite. — Beijou-a e inclinou a cabeça para me saudar antes de sair.

Soprei o ar das minhas bochechas e voltei a olhar para a ementa. Considerei ir-me embora sem pedir nada. Nada me parecia bom.

— Então, além do chili, que mais devo provar? — perguntei.

— Ei — disse uma voz masculina para a Liz, vinda de trás de mim. — Diz-me quanto te devo.

Levantei a cabeça. Era o Tipo da *Pick-up*. A Liz sorriu-lhe.

— A deitares-te cedo, hã?

— Tenho de alimentar a criança — explicou ele. Depois, virou-se para mim e sorriu. — Olá.

— Olá — cumprimentei-o, virando-me para ele. — Encontramo-nos de novo.

— E em circunstâncias muito melhores.

Sorri.

— Obrigada pelo que fizeste há bocado. Não precisavas de ter feito aquilo.

— Creio que sim. — Ele acenou com a cabeça para um homem ao fundo do bar, de olhos vermelhos e todo desgrenhado, com sete copos de cerveja vazios à sua frente. — É o teu cavaleiro num reboque brilhante.

Suguei o ar por entre os dentes.

— Teria ficado lá a noite toda.

— Não, um de nós teria parado. Cinco ou seis horas, no máximo.

Ri-me e ele sorriu-me de volta.

— Chamo-me Daniel. — Estendeu-me a mão.

— Alexis — disse-lhe, e estendi a minha. A palma da mão dele era áspera e quente.

— Acho que te devo avisar — começou ele, largando a minha mão e apoiando-se no balcão. — Vês aqueles tipos ali? — Acenou com a cabeça para três homens amontoados à volta da mesa de bilhar. — Estão a apostar que conseguem que vás para casa com um deles.

A Liz soltou um grunhido por trás da caixa registadora.

— São tão parvos — murmurou, ao passar o cartão dele na caixa. — O Brian também? — questionou.

— Não, só o Mike e o Doug. — Depois apontou para eles. — Estás a ver o tipo dos óculos? — perguntou-me.

Contorci-me no meu banco para olhar para os homens.

— Sim...

— Tem uma erupção cutânea questionável.

Soltei um ronco e a Liz uma gargalhada.

— O tipo branco alto com o casaco *Carhartt* vive na cave da mãe — prosseguiu ele. O homem loiro arenoso estava a sorrir na nossa direção e a acenar. — Daqui a cinco minutos vai arranjar uma guitarra algures. — Olhou para mim. — Vai tocar a *More Than Words* dos Extreme e vai fazê-lo muito, *muito* mal.

A Liz ria-se ao deslizar o recibo da conta para a frente dele.

— É verdade. Meu Deus, é tão verdade.

Enquanto ele assinava o recibo, dei uma olhadela. Era de apenas dez dólares, mas ele deixou uma gorjeta de outros dez. Virou-o ao contrário e afastou-se do balcão.

— De qualquer forma, boa sorte. — E dirigiu-se para a saída.

— Espera — disse-lhe a seguir.

Ele parou e olhou para mim.

— Quanto é que eles estão a apostar?

Encolheu os ombros e puxou das chaves.

— Cem dólares.

— E tu? Não estás metido na aposta?

Ele abanou a cabeça.

— Não é a minha cena.

— Não? Bem, e se me fosse embora contigo? Ganharias o dinheiro?

Ele franziu a testa para mim.

— Não estou a perceber.

— Acho que me vou embora na mesma. Podias sair daqui comigo.

Ganhar a aposta.

Ele sorriu.

— Farias isso?

Encolhi os ombros.

— Claro.

Ele olhou de relance para os homens do outro lado da sala.

O Casaco Carhartt já segurava uma guitarra.

Os olhos do Daniel voltaram a fixar-se nos meus e um sorriso surgiu-lhe nos cantos da boca.

— Se o fizermos, dividimos o dinheiro.

Virei-me para a Liz.

— Liz, numa escala de um a assassino em série, quão perigoso é este homem? É seguro ir com ele para um parque de estacionamento escuro?

Ela sorriu.

— O Daniel é o *único* gajo com quem eu sairia deste bar.

— Não sei como me sentir em relação a isso — disse ele. — És minha prima.

Ela riu-se.

— Ele é inofensivo.

— E vai cumprir a sua parte do acordo e pagar-me? — perguntei.

Ela secou um copo com um pano.

— Mesmo que aqueles idiotas não cumpram a sua parte do acordo e não *lhe* paguem, ele paga-te. É o tipo de pessoa que ele é.

Voltei a olhar para o Daniel e ele encolheu os ombros.

— Não sou parvo. É a coisa de que mais gosto em mim.

Senti o sorriso a chegar-me aos olhos. Ele era engraçado.

— Está bem — concluí. — Temos acordo. — Assenti e fiz um gesto com a cabeça para o banco ao meu lado. — Mas senta-te e fala um pouco comigo. Caso contrário, não vão acreditar que me conquistaste.

Ele olhou para o relógio. Depois, pareceu decidir que tinha tempo e sentou-se.

— Então, fala-me de ti — comecei. — O que é que fazes?

— Sou gestor imobiliário — respondeu ele.

A Liz riu-se de trás do balcão, onde estava a tirar imperiais.

— Ele é o presidente da câmara.

Arqueei uma sobrancelha.

— Uau, o *presidente da câmara*?

Ele lançou-lhe um olhar malicioso.

— É mais um título honorário. Esta é uma cidade pequena. Os meus deveres são mínimos.

A Liz abanou a cabeça.

— Ele está a ser modesto. Faz de tudo um pouco por aqui. Organiza o bingo aos sábados à noite, é bombeiro voluntário. Até faz de Pai Natal. — Acenou com a cabeça para um dos artigos emoldurados por cima da caixa registadora.

*O Pai Natal vem a Wakan.*

O artigo era acompanhado por uma fotografia a cores de um Pai Natal gordo com um menino sentado ao colo.

Voltei a olhar para ele com um sorriso e ele mudou de assunto.

— E tu, o que é que fazes?

Encolhi os ombros.

— Nada que valha a pena mencionar.

Não gostava de dar informações pessoais a um estranho.

Ele não insistiu.

— Muito bem — disse ele. — E o que te traz a Wakan?

— Estou a regressar de um funeral.

Ele ficou com a cara séria.

— Oh. Lamento.

— Foi a minha tia Lil, de noventa e oito anos, mas teve uma vida muito boa. Muitos amantes, como gostava de dizer.

Ele sorriu.

— Vivo em Minneapolis. Estou só de passagem. É sempre assim tão enevoado por aqui?

— Está nevoeiro lá fora? — perguntou a Liz, com um ar surpreendido.

O Daniel abanou a cabeça.

— Nunca. Na verdade, até é estranho.



— Hum. Então tens um filho? — perguntei.

Voltou a olhar para o relógio.

— Tenho. A Chloe.

— De que idade?

— Uma semana.

— Oh — exclamei, não evitando um ar de surpresa. — É pequena.

Ele não usava aliança de casamento — não que isso significasse alguma coisa. Podia ter uma filha sem ser casado.

— Então tens namorada?

Ele abanou a cabeça.

— Se assim fosse, não teria aceitado esta aposta.

— Bem, não é que vás *realmente* levar-me para casa.

— Mas estou a fingir que sim. Não seria capaz de desrespeitar a minha namorada hipotética. — Sorriu.

Tive de reprimir um sorriso.

— Então, não estás com a mãe da tua bebé?

Ele pareceu divertido.

— Nem pensar. Estou só a cuidar dela.

A Liz sorriu.

— A Chloe é tãoooo gira. E ele é um pai tão bom para ela. — Acenou-lhe com a cabeça. — Mostra-lhe uma fotografia.

Ele puxou do telemóvel e correu o dedo pelo ecrã. Depois estendeu-mo.

Soltei uma gargalhada de imediato.

— A tua filha é uma cabrinha? De *pijama*?

— É pois. Vai para casa daqui a umas semanas. Pertence ao Doug. O tipo da guitarra. A mãe tem mastite e o Doug não conseguia dar-lhe o biberão a meio da noite, por isso ofereci-me para ajudar.

— Então, deixa-me ver se percebi — disse eu, cruzando as pernas.

— O Doug está a tentar seduzir-me com uma versão mal cantada da *More Than Words* quando tem uma *cabra* bebé? Quando se tem uma cabra bebé, começa-se sempre por «Tenho uma cabra bebé.»

Ele riu-se.

— Tecnicamente, *eu* tenho a cabra bebé.

A Liz pôs gelo num copo.

— Estou sempre a dizer-lhe que o perfil dele no Tinder devia ser nada mais do que uma fotografia da *Chloe* e uma morada.

Ri-me.

O Daniel sorriu e acenou com a cabeça por cima do ombro.

— Estão a olhar para nós? — perguntou.

O meu olhar voou para a mesa de bilhar.

— Oh, sim. — Voltei a olhar para ele. — O Doug Casaco Carhartt está a afinar a guitarra. Então, quanto tempo achas que temos até me fazer uma serenata?

— Diria que mais um minuto ou dois.

— Está bem. — Inclinei-me para a frente. — Vou fingir que acabaste de dizer uma coisa *muito* engraçada e vou rir-me. Depois podemos acabar com isto.

Ele levou uma mão ao queixo.

— Que tipo de riso?

— Que *tipo*?

— Sim. Em teoria, o que quer que te diga tem de ser suficientemente bom para te fazer sair comigo, apesar de só me conheceres há cinco minutos. Terá de parecer bastante convincente. Estou a pensar na Julia Roberts?

Aquilo acabou por me fazer *mesmo* rir, o que *o* fez rir — e foi adorável. Os seus olhos verdes dourados e quentes franziram-se nos cantos, o que lhe iluminou o rosto todo.

Céus, ele tinha um sorriso bonito. *Mesmo* bonito. Algo naquele sorriso me atingiu mesmo no coração e deixou-me um bocadinho sem fôlego.

Ficámos ali sentados, ainda a rir, e dei por mim a morder o lábio, depois a inclinar-me um pouco para ele, e percebi com choque que estava a *namoriscar*. Tipo, mesmo a *namoriscar* e não a fingir.

Estive sete anos com o Neil. Pensei que seria o último homem com quem estaria. Depois acabei com ele e disse a mim mesma que estava farta. Não haveria mais homens. Não precisava de nenhum. Não precisava do incómodo. Rejeitei por completo a ideia de voltar a sair com alguém. Comprei um vibrador muito bom e saí da piscina aos trinta e sete anos. Não tinha interesse nenhum.

E ali estava a *namoriscar*.

PARTE DO TEU MUNDO

Era como descobrir que uma planta que matámos afinal estava viva e só precisava de água.

— Oh, o Doug aproxima-se — sussurrou Liz.

Desviei o olhar do Daniel. O Doug tinha começado a abrir caminho por entre as mesas altas em direção ao bar, de guitarra na mão.

— Está na hora de irmos — sugeriu o Daniel.

Depois pegou-me na mão, ajudou-me a descer do banco e acompanhou-me à porta.